

REVER, RELER, RESTOS

João Lopes*

* Programador da Área de Cinema e Audiovisual da Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura

No imaginário de Guimarães, não há imagens perdidas. Ou melhor, nenhuma imagem encerra a sua própria história: existe antes como um marco temporal disponível para ser revisto e, de alguma maneira, relido. Daí que o conceito de *refotografia* se adequa de modo tão exemplar—e apetece dizer: tão sensual—às memórias da cidade.

O que aqui está em jogo não é apenas essa hipótese mítica de reocuparmos as coordenadas exactas a partir das quais se construiu um olhar de outro tempo, por certo com outros anseios e experiências; é também, é mesmo sobretudo, a certeza de que a fotografia nos apela para uma reinvenção mais ou menos poética da sua elaborada ordem figurativa. Compreendemos, assim, que o tempo não se esgota na ilusória precisão dos calendários. A fotografia diz-nos que *isto* aconteceu? Sim, sem dúvida. Mas também: isto está *sempre* a acontecer. A partir do momento em que o arquivo, qualquer arquivo, deixa de ser uma caixa fechada, cada imagem entra no jogo de espelhos de um tempo imenso, fascinante, nunca totalmente esgotado ou reencontrado.

Quando Inês d'Orey e Carlos Lobo se recolocam no ponto de mira de uma imagem que os interpela, o que é se repete? O acto de fotografar naquele lugar preciso? Ou a própria fotografia? Em boa verdade, nem uma coisa nem outra: o que se repete é o desejo de apropriação do tempo, da sua medida, porventura da sua vocação transcendental. Daí a dupla interrogação destas refotografias. O que é que eu vejo a partir do lugar do “outro” fotógrafo? Mas também: o que é que só eu posso ver? O que liga as duas perguntas é a própria ambivalência do tempo: nenhuma fotografia se esgota no seu registo ou reprodução; qualquer imagem apela sempre a outra para ser vista e revista, lida e relida. Há nela um resto impossível de nomear que, em última instância, convoca o labor do nosso olhar e nos define como sujeitos e objectos de um presente a que chamamos nosso. Não é decorativo nem formalista este processo. Isto apesar de vivermos numa época massacrada pela “continuidade” televisiva, em que cada imagem tende a ser tratada como peça transparente e definitiva de um conhecimento sem mácula. “Estamos a ver estas imagens em tempo real...”, dizem muitas vezes os apresentadores dos jornais televisivos, ignorando a perversa polifonia de qualquer medida temporal. Seria preciso aprenderem a dizer: “Por cada imagem que produzimos ou reproduzimos, estamos a construir uma nova realidade temporal.” Não é fácil, mas eles escolhem quase sempre a facilidade.

A moral que importa reter é esta: impossível reivindicar para o gesto de fotografar a virgindade de um primeiro olhar. Num certo sentido, aprendemos a fotografar, a avaliar o espaço e a nossa inserção nas suas coordenadas *antes de começarmos a fotografar*. Porquê? Sem dúvida porque passámos a habitar uma época em que, muitas vezes, o confronto palpável com as coisas foi reconvertido em imagens que parecem dispensar os incidentes de qualquer relação material. A espontaneidade é uma ilusão pueril das televisões, não dos fotógrafos. No limite, talvez só haja refotografias.

Na dinâmica criativa de Guimarães 2012, dir-se-ia que encontrámos uma plataforma a partir da qual é possível lidar com todas estas convulsões sem alienar a densidade da própria história: se há jogo de espelhos fotográfico, é também porque nos sabemos espelhados nas aventuras de conhecimento que assim se relançam. O mais difícil de imaginar é o facto de cada uma das imagens que hoje propomos poder vir a ser o ponto de partida para uma refotografia que, mortais que somos, já não poderemos ver. Em todo o caso, alguém sentirá alguma coisa graças a esse resto que imprimimos no tempo. O futuro é já hoje.